

PCILS

PORTUGUÊS

L I N G U A G E N S

Programa de
**Capacitação
e Integração
de Lideranças
Sociais**

Professor:
Duda Delmas

Realização:

PECEP
pré-vestibular social

Patrocínio:

 **Rio**
PREFEITURA

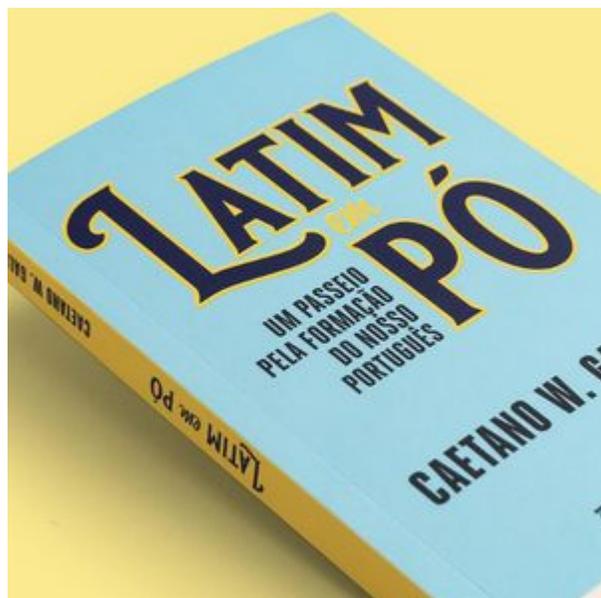
INTEGRAÇÃO
METROPOLITANA


Integração.Rio

Variação e variedades linguísticas



O estado linguístico do Brasil



É bem verdade que um número considerável de brasileiros utiliza outros idiomas como sua língua primeira. Há os usuários da Libras, a língua brasileira de sinais, que é um idioma pleno e totalmente diferente do português; há os falantes das línguas originárias do Brasil que não foram extintas durante esses séculos de colonização (no censo de 2010, pouco menos de 140 mil dessas pessoas disseram não usar o português em família); há falantes das diversas línguas de colonização que aportaram aqui especialmente no final do século XIX e no começo do XX (o talian dos migrantes italianos, o hunsrückisch ou o pommeranisch dos alemães, entre várias outras, como o árabe, o japonês, o polonês); e há também falantes de línguas que chegaram com migrações mais recentes, como a dos sírios, haitianos e venezuelanos. Parte dessa diversidade, inclusive, é hoje reconhecida por atos legais que nos últimos anos concederam a certos idiomas originários (o baniwa e o tukano, por exemplo) e a algumas línguas de herança (como o pommeranisch) o estatuto de línguas oficiais de seus municípios.

- Língua: elemento cultural sempre em transformação
- Língua ≠ regras gramaticais
- Língua ≠ variedades de prestígio
- Cada situação pede uma variedade mais adequada



Quando for estudar

Variedades linguísticas,

foque em:

Todo texto tem uma variedade predominante e, dependendo do contexto, ela pode ser popular

Uma variedade pode se revelar no vocabulário, na forma de uma palavra, na concordância dela com outra ou na forma como ela é pronunciada

As variedades populares fazem parte da nossa identidade cultural

Preconceito linguístico é um problema social e deve ser combatido



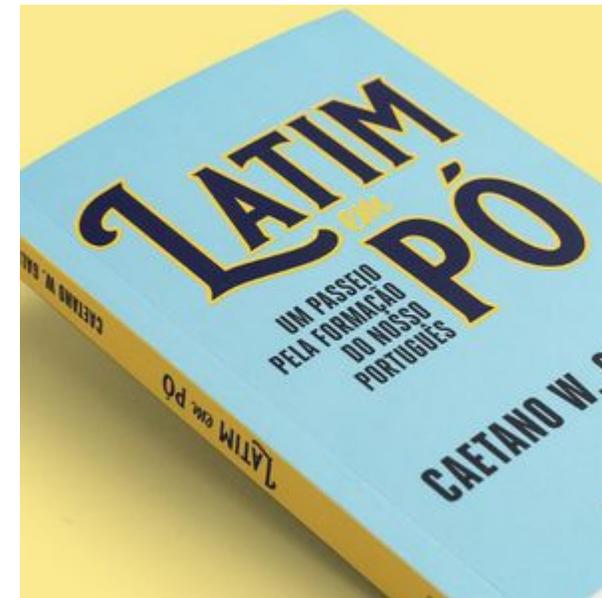
@gramaticacontextualizada

As línguas mudam. O tempo todo surgem modos alternativos de dizer alguma coisa, formas mais velhas vão desaparecendo, destronadas por novas variantes. E essa mudança, assim que começa a ocorrer, é sempre percebida como desvio, como aberração a ser evitada a qualquer custo. Mas o fato incontornável é que muito do que hoje é tido como refinado, elevado e sofisticado em algum momento foi visto como um desvio simplório e grosseiro da norma-padrão.

Nosso português mais fino é pouco mais que um latim atrapalhado.

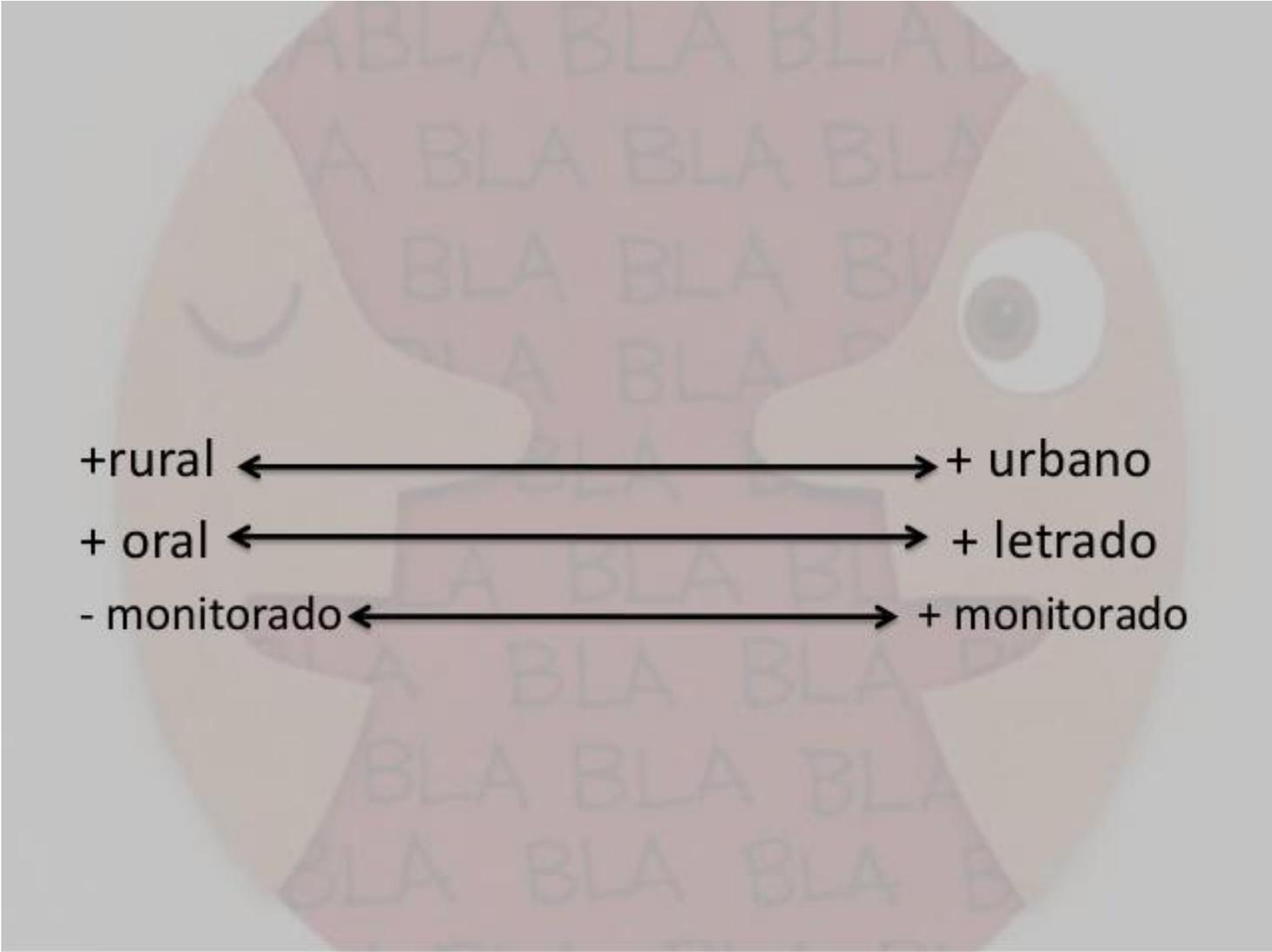
A língua dos sonetos de Camões pareceria uma barbaridade para um usuário da forma clássica da língua de Roma. Isso porque, como dizia o próprio Camões, uma das maiores verdades da condição humana é que tudo muda o tempo todo. Mas é bom não esquecer que no mesmíssimo poema Camões termina reclamando que na época dele essas mudanças machucavam mais, pois “não se muda já como soía”. A mudança que acontece diante dos meus olhos é aquela que me agride.

E que exemplo melhor de mudança linguística do que esse verbo “soer” (costumar), que simplesmente deixou de ser empregado de maneira corrente nos últimos quatrocentos e tantos anos?



- (1) norma-padrão
- (2) variedades cultas, prestigiadas
- (3) variedades estigmatizadas





+rural ←————→ + urbano
+ oral ←————→ + letrado
- monitorado ←————→ + monitorado



"Meu avô era meu avô, eu sou eu!"

O relato emocionado de VOCÊ, pronome pessoal que ainda carrega o peso dos seus antepassados e é visto por muitos saudosos como um pronome de tratamento.

Apesar disso, ele tem boas lembranças dos parentes mais antigos. "Eu fico feliz com a lembrança que as pessoas têm do meu avô, o senhor Vossa Mercê. Ainda falamos muito dele lá em casa", diz. O tio Vosmecê ainda aparece em alguns filmes e novelas de época. É legal pra manter o nome da família".

Mas Você afirma que quer garantir seu espaço sem depender do nepotismo. "Os tempos são outros, sabe? Eu já venho há tanto tempo nessa luta, em alguns lugares consegui ficar no lugar do TU, que é meu amigo, gosto muito dele, mas eu adaptei melhor ao serviço".

A amizade é tanta que não é incomum ver Você nos mesmos ambientes de alguns parentes do outro. Te, sobrinho de Tu, é o que mais aparece. "Só que eles não são muito unidos. Nunca se reúnem e o Vós meio que desapareceu há algum tempo".

Você finaliza a entrevista com um recado: "Poxa, todo mundo me usa pra falar com qualquer um. Amigo, conhecido, porteiro, cabeleireiro... quando a pessoa é um pouco mais velha, ou é algum chefe, eu até empresto o Senhor ou a Senhora. Mas não me aceitam. Eu só gostaria que as pessoas que tanto me usam, me vissem como eu realmente sou no pessoal, sabe. Um sujeito", conclui.

variação
diacrônica ou
histórica

+ variação
sociocultural

Pronominais (*Oswald de Andrade*)

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

variação
sociocultural;
situacional

Vício de fala (*Oswald de Andrade*)

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.

variação
sociocultural ou
de classe

Aula de português (*Carlos Drummond de Andrade*)

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

variação
situacional;
oralidade x escrita

variação geográfica/regional

helodangeloarte and danielcesart
São Paulo, Brazil



variação
geracional?
oralidade x escrita



Hoje eu quero escrever uma crônica que seja como uma call de alinhamento, para que no fim do dia todos os leitores estejam na mesma página sobre a inculta e bela. É sobre isso!

Claro que uma crônica com essa potência, verdadeiro benchmark do cronismo mundial, não é para os fracos. Mas jogando para o universo, sendo proativo e trabalhando poucas horas por semana é possível bater a meta!

Endereçar o problema de encontrar a crônica perfeita, aquela que vai gerar retornos milionários trabalhando pela minha marca enquanto eu durmo —isso só dá certo com a. A expertise e a resiliência eu já tenho, sendo head da

variação situacional;
profissional;
jargão

preciso conferir os três Bs. Briefing? Check. Business
de olho? Check de novo. Isso basta, pessoal! (...)

Sérgio Rodrigues, 2023

O GLOBO

Jornal O Globo 📍

@JornalOGlobo

Alta do aluguel impulsiona troca de bairro e opção por 'coliving'



oglobo.globo.com

Alta do aluguel impulsiona troca de bairro e opção por
'coliving'

11:20 - 16 mai 23 - 796K Visualizações

E a ortografia?



E a ortografia?

“ As chronicas da villa de Itaguahy dizem que em tempos remotos vivera alli um certo medico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos medicos do Brazil, de Portugal e das Hespanhas. Estudara em Coimbra e Padua. Aos trinta e quatro annos regressou ao Brazil, não podendo el-rei alcançar delle que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negocios da monarchia. ”

(ASSIS, Joaquim Maria Machado)

Raio-X do texto da questão

- 1 Qual o gênero textual?
É um gênero literário ou não literário?
- 2 Qual a função social que esse gênero tem
comumente? Informar, sensibilizar, promover
mudança de atitude, etc?
- 3 Quem escreveu? Qual o público-alvo?
Onde e quando o texto foi veiculado?
- 4 Sobre o que o autor escreveu?
Qual a sua ideia principal?
- 5 O que motivou o autor escrever o texto? Qual o
objetivo? Quais recursos linguísticos o autor usou
pra atingir esse objetivo?



Fonte: Will Tirando (Willian Leite), <http://www.willtirando.com.br/anesia-417/>

O quadrinho associa o fenômeno da variação linguística às mudanças de comportamento da sociedade na medida em que:

- a) marca o progresso dos comportamentos da sociedade em direção a um mundo mais livre, acompanhado pela mudança da língua
- b) evidencia o conflito de uma geração em relação aos usos linguísticos e estilo de vida de outra
- c) discute a mudança diacrônica, isto é, temporal da língua com o passar dos séculos
- d) sugere o fim dos hábitos saudáveis das pessoas mais novas no mundo atual
- e) aponta a inadequação do emprego de determinados vocábulos em situações informais

Questões ENEM

QUESTÃO 115

De domingo

— Outrossim?

— O quê?

— O que o quê?

— O que você disse.

— Outrossim?

— É.

— O que que tem?

— Nada. Só achei engraçado.

— Não vejo a graça.

— Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.

— Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.

— Se bem que parece uma palavra de segunda-feira.

— Não. Palavra de segunda-feira é óbice.

— “Ônus.

— “Ônus” também. “Desiderato”. “Resquício”.

— “Resquício” é de domingo.

— Não, não. Segunda. No máximo terça.

— Mas “outrossim”, francamente...

— Qual o problema?

— Retira o “outrossim”.

— Não retiro. É uma ótima palavra. Aliás, é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa “outrossim”.

(VERÍSSIMO. L.F. Comédias da vida privada. Porto Alegre: LP&M, 1996).

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o (a)

- (A) marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
- (B) tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
- (C) caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
- (D) distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados poucos conhecidos.
- (E) inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

QUESTÃO 121

Texto I

Entrevistadora — Eu vou conversar aqui com a professora A.D. ... O português então não é uma língua difícil?

Professora — Olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não se você se apaixonou pela língua que você... já domina... que você já fala ao chegar na escola se teu professor cativa você a ler obras da literatura... obra da/dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... é... a livros didáticos... a... livros de literatura o mais formal o e/ o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

Texto II

Professora — Não, se você parte do princípio que língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixonou pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

(MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001)

O texto I é a transcrição de entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita. Em comum, esses textos

- (A) apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- (B) são modelos de emprego de regras gramaticais.
- (C) são exemplos de uso não planejado da língua.
- (D) apresentam marcas da linguagem literária.
- (E) são amostras do português culto urbano.

QUESTÃO 126

Mandinga — Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideram bruxos os africanos que ali habitavam — é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região. Em idioma nativo, *manding* designava terra de feiticeiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.

(COTRIM, M. O pulo do gato 3. São Paulo: Geração Editorial, 2009. Fragmento)

No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra *mandinga* resulta de um (a)

- (A) contexto sócio-histórico.
- (B) diversidade técnica.
- (C) descoberta geográfica.
- (D) apropriação religiosa.
- (E) contraste cultural.

QUESTÃO 131

PINHÃO *sai ao mesmo tempo que BENONA entra.*

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas, Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado da verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

(SUASSUNA, A. O santo e a porca. Rio de Janeiro: José Olimpyio, 2013)

Nesse texto teatral, o emprego das expressões “o peste” e “cachorro da molest’ a” contribui para

- (A) marcar a classe social das personagens.
- (B) caracterizar usos linguísticos de uma região.
- (C) enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- (D) sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- (E) demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

QUESTÃO 100

Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo pra xaxar
Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando

Como se deve xaxar.
Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita
Desse meu lugar
Vai, chama Maria, chama Luzia
Vai, chama Zabé, chama Raque
Diz que tou aqui com alegria.

(BARROS, A. Óia eu aqui de novo.
Disponível em
<www.luizluagonzaga.mus.br>
Acesso em 5 mai 2013)

A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. O verso que singulariza uma forma do falar popular regional é

- (A) "Isso é um desaforo"
- (B) "Diz que eu tou aqui com alegria"
- (C) "Vou mostrar pr'esses cabras"
- (D) "Vai, chama Maria, chama Luzia"
- (E) "Vem cá, morena linda, vestida de chita"

Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma de língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colunistas.

(POSSENTI, S. Gramática na cabeça. Língua Portuguesa, ano 5, n. 67, maio 2011 – adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber

- (A) descartar as marcas de informalidade do texto.
- (B) reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.
- (C) moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- (D) adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- (E) desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

Em bom português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é “a gente”). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso.

Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

– Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saber dizer que viram um filme que trabalha muito bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viajarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

(SABINO, F. Folha de S. Paulo, 13 abr. 1984)

A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que

- (A) o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- (B) a utilização de inovações do léxico é percebida na comparação de gerações.
- (C) o emprego de palavras com sentidos diferentes caracteriza diversidade geográfica.
- (D) a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.
- (E) o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

QUESTÃO 107

Assum preto

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor
Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do assum preto
Pra ele assim, ai, cantá mió
Assum preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil veiz a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá.

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de Assum preto resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra a

- (A) pronúncia das palavras "vorta" e "veve".
- (B) pronúncia das palavras "tarvez" e "sorto".
- (C) flexão verbal encontrada em "furaro" e "cantá"
- (D) redundância nas expressões "cego dos óio" e "mata em frô".
- (E) pronúncia das palavras "ignorança" e "avuá".

Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de “jogar fora” (pincha fora essa porcaria) ou “mandar embora” (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como “minha avó fala isso”. Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. “Tradição”, etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento citadino, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção das ararinhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extremamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.
VIARO, M. E. Língua Portuguesa, n. 77, mar. 2012 (adaptado).

A discussão empreendida sobre o (des)uso do verbo “pinchar” nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

- (A) as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
- (B) o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
- (C) o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
- (D) as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
- (E) o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.

S.O.S PORTUGUÊS

Por que pronunciamos muitas palavras de um jeito diferente da escrita? Pode-se refletir sobre esse aspecto da língua com base em duas perspectivas. Na primeira delas, fala e escrita são dicotômicas, o que restringe o ensino da língua ao código. Daí vem o entendimento de que a escrita é mais complexa do que a fala, e seu ensino restringe-se ao conhecimento das regras gramaticais, sem a preocupação com situações de uso. Outra abordagem permite encarar as diferenças como um produto distinto de duas modalidades da língua: a oral e a escrita. A questão é que nem sempre nos damos conta disso.

S.O.S Português. Nova Escola. São Paulo: Abril, Ano XXV, nº 231, abr. 2010 (fragmento adaptado)

O assunto tratado no fragmento é relativo à língua portuguesa e foi publicado em uma revista destinada a professores. Entre as características próprias desse tipo de texto, identificam-se as marcas linguísticas próprias do uso

- (a) regional, pela presença de léxico de determinada região do Brasil.
- (b) literário, pela conformidade com as normas da gramática.
- (c) técnico, por meio de expressões próprias de textos científicos.
- (d) coloquial, por meio de registro de informalidade.
- (e) oral, por meio do uso de expressões típicas da oralidade.

Questão 10

Até quando?

Não adianta olhar pro céu

Com muita fé e pouca luta

Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer

E muita greve, você pode, você deve, pode crer

Não adianta olhar pro chão

Virar a cara pra não ver

Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus

Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

GABRIEL, O PENSADOR. Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo).

Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento).

As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto

a) caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.

b) cunho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.

c) tom de diálogo, pela recorrência de gírias.

d) espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.

e) originalidade, pela concisão da linguagem.

Questão 11:

Texto I Antigamente

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugar nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua, nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d'água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete, depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco.

ANDRADE, C. D. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983 (fragmento).

Questão 11

Texto II

Expressão	Significado
Cair nos braços de Morfeu	Dormir
Debicar	Zombar, ridicularizar
Tunda	Surra
Mangar	Escarnecer, caçoar
Tugir	Murmurar
Liró	Bem-vestido
Copo d'água	Lanche oferecido pelos amigos
Convescote	Piquenique
Treteiro de topete	Tratante atrevido
Abrir o arco	Fugir
Bilontra	Velhaco

FIORIN, J. L. As línguas mudam. In: Revista Língua Portuguesa, n. 24, out. 2007 (adaptado).

Questão 11:

Na leitura do fragmento do texto “Antigamente” constata-se, pelo emprego de palavras obsoletas, que itens lexicais outrora produtivos não mais o são no português brasileiro atual. Esse fenômeno revela que

- (A) a língua portuguesa de antigamente carecia de termos para se referir a fatos e coisas do cotidiano.
- (B) o português brasileiro se constitui evitando a ampliação do léxico proveniente do português europeu.
- (C) a heterogeneidade do português leva a uma estabilidade do seu léxico no eixo temporal.
- (D) o português brasileiro apoia-se no léxico inglês para ser reconhecido como língua independente.
- (E) o léxico do português representa uma realidade linguística variável e diversificada.

**“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto”
utilizado por gays e travestis**

*Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por
travestis e ganhou a comunidade*

“Nhai, amapô! Não faça a loka e pague meu acué, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acuê’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o *Aurélia*, a *dicionária da língua afiada*, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1 300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

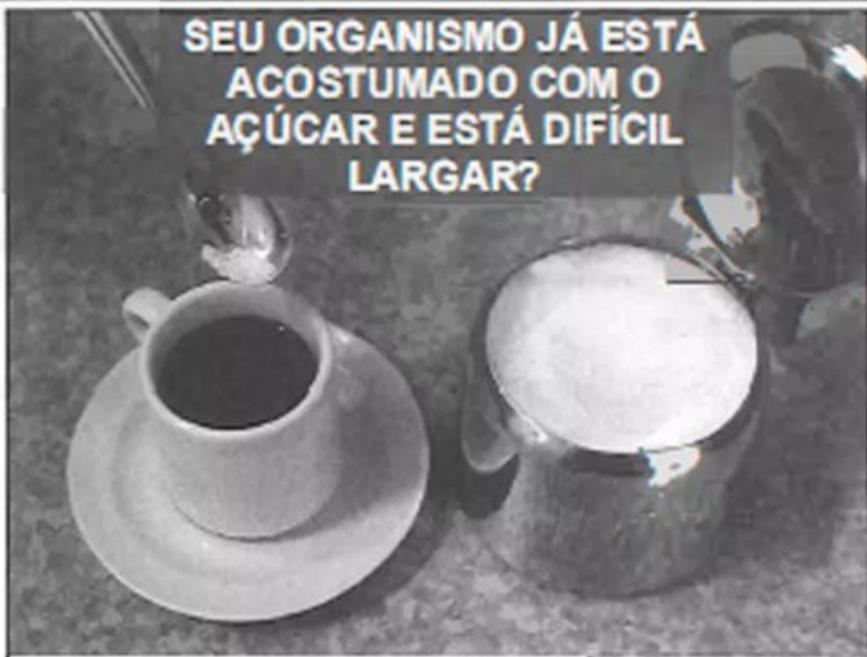
Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: www.midiamax.com.br. Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha *status* de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- A** ter mais de mil palavras conhecidas.
- B** ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- C** ser consolidado por objetos formais de registro.
- D** ser utilizado por advogados em situações formais.
- E** ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

**SEU ORGANISMO JÁ ESTÁ
ACOSTUMADO COM O
AÇÚCAR E ESTÁ DIFÍCIL
LARGAR?**



**O IDEAL É IR SE ACOSTUMANDO
AOS POUCOS COM CADA VEZ
MENOS AÇÚCAR.**

Disponível em: www.facebook.com/minsaude. Acesso em: 14 fev. 2018 (adaptado).

A utilização de determinadas variedades linguísticas em campanhas educativas tem a função de atingir o público-alvo de forma mais direta e eficaz. No caso desse texto, identifica-se essa estratégia pelo(a)

- A** discurso formal da língua portuguesa.
- B** registro padrão próprio da língua escrita.
- C** seleção lexical restrita à esfera da medicina.
- D** fidelidade ao jargão da linguagem publicitária.
- E** uso de marcas linguísticas típicas da oralidade.

QUESTÃO 44

- Famigerado? [...]
- Famigerado é “inóxico”, é “célebre”, “notório”, “notável”...
- Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?
- Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...
- Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia de semana?
- Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

ROSA, G. *Famigerado*. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Nesse texto, a associação de vocábulos da língua portuguesa a determinados dias da semana remete ao

- A** local de origem dos interlocutores.
- B** estado emocional dos interlocutores.
- C** grau de coloquialidade da comunicação.
- D** nível de intimidade entre os interlocutores.
- E** conhecimento compartilhado na comunicação.

Questões ENEM: gabarito

115: B
121: E
126: A
131: B
100: C
116: D
128: B
107: B
124: C
99: C
10: D
11: E
31: C
43: E
44: C

Questões ENEM